

Reunião entre Líbano e Israel é histórica, diz Rubio

Países estão em guerra desde a criação do Estado judeu, em 1948

/ ORIENTE MÉDIO

O chefe da diplomacia dos Estados Unidos, Marco Rubio, afirmou que a negociação entre Israel e Líbano, que começou ontem, em Washington, é uma oportunidade histórica, embora tenha reconhecido que essa primeira conversa não resolveria a complexidade do conflito entre o Estado judeu e o Hezbollah, facção xiita apoiada pelo Irã.

“A esperança é de que consigamos esboçar a estrutura sobre a qual possamos desenvolver uma paz duradoura e permanente para que o povo de Israel possa viver em paz e o povo do Líbano possa viver não apenas em paz, mas com a prosperidade e segurança que merecem”, afirmou Rubio em breve comentários a jornalistas antes da reunião. “Esse é um processo, não um episódio. Vai demorar mais do que só um dia, e levará tempo”, disse.

Participaram da conversa o secretário de Estado americano, os embaixadores Nada Hamadeh Moawad (do Líbano nos EUA), Yechiel Leiter (de Israel nos EUA), Michel Issa (dos EUA no Líbano), Mike Waltz (representante dos EUA na ONU) e Michael Needham, conselheiro do departamento de Estado e chefe de gabinete de Rubio quando o secretário era senador.

Líbano e Israel estão formalmente em guerra desde a criação do Estado judeu, em 1948, e poucas vezes trataram da relação por vias diplomáticas abertas. Ainda que de fato histórica sob esse ponto de vista, a negociação já era vista apenas como um primeiro passo de reaproximação possível na



Chefe da diplomacia dos EUA conduz as conversas de paz entre as nações

tensa relação entre os vizinhos no Oriente Médio.

As conversas são ainda um esforço paralelo às negociações para o fim da guerra EUA e Irã, mas muito embebidas no conflito maior entre os dois. O governo de Donald Trump é o principal aliado de Israel, e a República Islâmica em Teerã é a grande financiadora do Hezbollah.

Após os ataques de Israel e EUA ao Irã que deram origem ao conflito atual, a facção libanesa se juntou a Teerã atacando o vizinho ao sul, como já havia feito quando o Hamas, também parte do chamado eixo da resistência iraniano, atacou Israel em 2023 e serviu de estopim para a extensão do conflito na Faixa de Gaza.

Já Tel Aviv realizou seu maior ataque ao Líbano no dia em que o cessar-fogo de duas semanas entre EUA e Irã foi anunciado. Se por um lado reitera seu esforço contra a facção libanesa, por outro Israel evita com isso que a trégua do aliado

com o Irã termine em um acordo de paz mais amplo sem, contudo, dismantelar a estrutura iraniana regional hostil ao Estado judeu.

Enquanto a conversa tenta desenhá-la algum difícil entendimento comum, a facção libanesa anunciou ter atacado 13 locais no Norte de Israel desde o início da negociação em Washington. Israel, por outro lado, bombardeou subúrbios no Sul de Beirute poucas horas após emitir alertas de evacuação.

O Hezbollah se opõe às conversas entre Tel Aviv e Beirute em Washington, chamando-as de inúteis e dizendo que o grupo vai continuar a responder a ataques de Israel. A facção responde com combates às tropas israelenses que ocupam parte do Sul do país e ainda lança ataques contra Israel. Desde que foi anunciada a rara conversa entre as partes, Israel não deixou de bombardear o Líbano, o Sul, a capital, e áreas ao Leste no vale do Beqaa, locais de maioria xiita e mais capilaridade do Hezbollah.

EUA barram navios do Irã, mas 9 avançaram no Estreito

O Comando Central dos Estados Unidos (Centcom, na sigla em inglês) afirmou que nenhuma embarcação conseguiu ultrapassar o bloqueio imposto a portos iranianos nas primeiras 24 horas da operação, mas dados de mercado indicam movimentação no Estreito de Ormuz, evidenciando possível divergência sobre o alcance da medida.

Em publicação no X, o Centcom disse que mais de 10 mil militares, apoiados por mais de uma dúzia de navios de guerra e de-

zenas de aeronaves, participam da missão. Segundo o comando, “nenhum navio passou pelo bloqueio” no período inicial, e seis embarcações comerciais foram orientadas a retornar a portos iranianos no Golfo de Omã.

Os EUA afirmam que o bloqueio é aplicado de forma imparcial a navios de todas as nacionalidades com destino ou origem em portos iranianos, ao mesmo tempo em que dizem preservar a “liberdade de navegação” no Estreito de Ormuz para rotas não re-

lacionadas ao Irã.

Por outro lado, ao menos nove embarcações comerciais cruzaram o Estreito desde segunda, de acordo com dados da plataforma Kpler citados pela CNN. Entre elas estão os petroleiros Rich Starry e Elpis, ambos sob sanções dos EUA por ligações com o Irã. A diferença pode refletir a distinção entre o bloqueio específico a portos iranianos e o fluxo mais amplo de navios na região, mas também levanta dúvidas sobre a efetividade inicial da operação americana.

Trump cita novas negociações no Paquistão ‘nos próximos dias’

O presidente Donald Trump afirmou ontem que uma segunda rodada de diálogos com o Irã poderia ocorrer no Paquistão “nos próximos dois dias”, depois que uma primeira rodada durante o fim de semana terminou sem acordo. A declaração foi feita em entrevista ao jornal New York Post.

Trump citou que comitiva dos EUA deve viajar para novas negociações. “Deveriam ficar ali [no Paquistão], de verdade, porque algo poderia acontecer nos próximos dois dias e estamos mais inclinados a ir para lá”, disse Trump, citado em uma entrevista por telefone com um jornalista do Post em Islamabad.

Inicialmente, o presidente dos EUA havia afirmado que era pouco provável que os diálogos voltassem ao Paquistão. Apesar disso, o Post destacou que Trump voltou a ligar minutos depois para dizer que era “mais provável” que retornassem a Islamabad porque o chefe do exército do país, Asim Munir, “está fazendo um grande trabalho”.

Primeira rodada terminou sem acordo no sábado. Após cerca de 20 horas de reuniões em Islamabad, as negociações fracassaram, mas Irã sinalizou com a possibilidade de novas rodadas de conversa. Já o vice-presidente dos EUA, JD Vance, afirmou que a falta de acordo é “uma notícia

pior para o Irã que para os Estados Unidos.”

Estados Unidos querem mais compromisso do Irã. Apesar das discordâncias, Vance sugeriu que um acordo ainda seria possível apenas no caso de o Irã aceitar as condições norte-americanas. “Saímos daqui com uma proposta muito simples, um entendimento de que esta é a nossa oferta final e melhor. Veremos se o Irã a aceita”, afirmou ele, na ocasião.

Declaração foi feita após o fracasso das negociações no fim de semana. J. D. Vance disse, em entrevista à rede de TV Fox News, que houve “algumas boas conversas” com o Irã no Paquistão, mas sem acordo. Ele afirmou, no entanto, que o próximo passo deve partir dos iranianos.

“Realmente existe, em minha opinião, um grande acordo a ser fechado aqui, mas cabe aos iranianos, creio eu, dar o próximo passo”, disse J. D. Vance, em entrevista à Fox News.

Vice-presidente demonstrou ser irredutível sobre o enriquecimento de urânio. “Precisamos retirar o material enriquecido do Irã. Precisamos de um compromisso definitivo deles de não desenvolver uma arma nuclear”, disse.

“Acordo pode ser positivo para ambos os países, caso os iranianos aceitem as condições”, disse J. D. Vance.

Keiko Fujimori e López Aliaga lideraram a disputa de votos no Peru

/ ELEIÇÕES

A candidata de direita Keiko Fujimori e o ultra conservador Rafael Lopez Aliaga lideravam a disputa para presidente nas eleições gerais do Peru, após apuração de mais de 74% dos votos. Keiko encabeçava a votação com 16,89%, segundo o estimativas preliminares da Oficina Nacional de Processos Eleitorais (ONPE), mas esse respaldo é insuficiente para garantir uma vitória no primeiro turno já que a lei exige 50% mais um do total de votos válidos. Esta é a quarta vez que busca a presidência da candidatura da Força Popular e filha do ex-presidente Alberto Fujimori (1990-2000).

López Aliaga, candidato do partido Renovação Popular e ex-prefeito de Lima, aparecia em segundo lugar com 12,81% de apoio após uma campanha marcada pela alta dispersão do voto

entre os 35 postulantes à presidência. Em terceiro lugar estava o candidato Jorge Nieto Montesinos com 11,88% dos votos e com chances matemáticas de ingressar no segundo turno previsto para 7 de junho.

No pleito, os peruanos também escolheram os membros de um Congresso que se tornou bicameral. De acordo com o Tribunal Eleitoral, mais de 6.000 candidatos postularam para ocupar as vagas de 130 deputados e outros 3.000 para os 60 postos no Senado.

O novo Senado não poderá ficar descontente. Destituir o mandato de presidente será mais fácil: antes eram necessários 87 votos de 130 parlamentares do Congresso unicameral e agora o Senado precisará de 40 votos do total de 60 senadores. O Senado também poderá revisar e modificar os projetos de lei adotados pela Câmara.